



**Ricardo Domeneck<sup>i</sup>**

## Linguagem com Queda de Ícaro

Quanto ao sofrimento, sempre equivocados os Velhos Mestres; como sua obsessão por simetria e perspectiva acabava por espalhar as personagens pelos cantos da cena, quando as pessoas em verdade atraem-se, agrupam-se no desejo e repulsa guiados por hormônios, coágulos de carne, os iates e os cruzeiros costeiam a praia demasiado próximos pois o humano exige-se visto e cobiçado em sua alegria, nem sempre o sol incide nas pernas a desaparecerem n'água, mas na moeda esquecida n'areia, na garrafa de vodca vazia, na rata prenhe entre os arbustos; como pareciam inscientes que linguagem e visão entremeiam-se, emaranham-se, embaraçam-se para criar importância e hierarquia, esquecendo uns e enaltecendo outros - ainda que tenham sido lançados ao mar à sua revelia, à margem; na "Paisagem com Queda de Ícaro", por exemplo, que hoje sequer sabemos se deveras saiu do pincel de Brueghel: como nossos olhos caem sobre o semeador e a caravela e mal quiçá notássemos o menino sem o anúncio espetáculo do título, ou talvez o tomássemos por um mergulhador feliz; tantos corpos foram lançados ao mar sem que merecessem mitos; quando eu, em carnadura datada, contemplo sempre a criatura poucas vezes mencionada, quase ao centro da pintura, um pastor, talvez, ou alguma espécie de peregrino que elegera por companhia para si tão-só a alimária, porventura leal porque seu desejo é ditado pelas estações, ali sozinho e quase encoberto pelo semeador, e digo: eis-me, em ânsia expectante, obviamente olhando na direção errada, e contudo à espera de algo fabuloso, um menino despencando dos céus, mas nunca em meus braços.

## Terceirizados

É sutil e avara a apoteose da térmita,  
ponte solúvel que derrete a si mesma  
como filme que começa onde termina.

Suspeito que seja só em teu aparelho  
receptor que, imutável, o meu cheiro  
passe do *status* de prazer ao de fedor.

Nas ruas, vejo as mil e uma grávidas  
e nada causa mais susto a meu gargalo  
que observar uma delas às gargalhadas.

Enfim a cova rasa afunda e os ossos  
todos emergem, sim, mesmo os corpos  
dos naufragos sobem. Vejam os potros

que, após anos de labor em colheitas,  
chegarão a ver o sol das férias apenas  
nos abatedouros, sós, por uma janela.

É como não poder discernir a fronteira  
que separa aquilo que pertence a César  
de tudo o que dizem pertencer a Deus,

e cometemos por fim a fraude da vida,  
repartindo em sete os fluxos dos dias,  
nascer domingo, no sábado a autópsia,

para novamente no domingo de manhã  
despencar da cama como se uma romã,  
fingindo a cada semana a ressurreição.

## Texto ao que poderia porventura reconstruir os muros e repovoar a cidadela

a F.T.

I.

Alguém que sorri durante o sexo e ronrona adjetivos é irrepresável, que sabe que a balança de poder requer recuos e avanços, que adia sua retirada mas não seus toques, esse estrategista insciente do efeito de seus sussurros, e pede: “qualquer posição que permita, no mesmo ato, coito, beijo e concha”, a insinuar arte bélica nova em que o sítio, o saque e a reconstrução da cidade sejam ações consecutivas, e simultâneas, e paralelas, as marés entre o corte e cicatriz, tais os movimentos de ar que provoca, com suas explosões em mim, seu ninho de concussões.

II.

Nada como um rapaz de dois metros de altura levantando-se nu da cama, com um sorriso erodindo em covas seu focinho após o sexo. Ah, céus! Por certo, poderia aprender a surfar sobre seus pés, por mão uma única das suas já bastaria para dar a volta em meu pescoço (e quem-me-dera por 80 dias), enquanto meus dedos sobre seu tórax mais comportam-se como os homúnculos sobre Gulliver. Sempre quis beijar alguém na ponta do pé, mas evito erguer minha pata direita, como se década de quarenta. Cedo para efusões explícitas, decido baixar o crânio, esconder de si o riso.

## III.

Será possível que o planeta Euphoria esteja prestes a valsar detrás do sol? Oxalá fora-se já a caminho da Terra, e mesmo que, os meus agudos agora mais graves, picos de montes tenham se erodido, aproximado mais do nível do mar e dos meus pés, que píncaros percebam enfim o que são: púcaros, zombaria a nossos olhos horizontais, viciados, a oeste do sol, a ascensões por parâmetro para nosso estirar-se e estender-se chão acima, eu queria outro encontro para colher o material extra para esse poema que o festeja, mas sua abstenção faz deste, tal feto, celebração de tudo que é incompleto.

## Das mesmices da língua

Foi na cidade  
do Porto  
que um radialista  
a discutir  
em seu programa  
os hábitos  
sexuais dos jovens  
portugueses,  
ao referir-se ao que nós  
brasileiros  
chamaríamos de sexo  
sem preservativo,  
falou sobre “relações  
desprotegidas”,  
e emocionou-me  
até o carço.

---

<sup>i</sup> **Ricardo DOMENECK** nasceu em Bebedouro, município do estado de São Paulo, em 1977. Ainda não morreu. Lançou as coletâneas de poemas *Carta aos anfíbios* (Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2005), *a cadela sem Logos* (SP/RJ: Cosac Naify/7Letras, 2007), *Sons: Arranjo: Garganta* (SP/RJ: Cosac Naify/7Letras, 2009), *Cigarros na cama* (Rio de Janeiro: Berinjela, 2011) e *Ciclo do amante substituível* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2012). É coeditor das revistas *Modo de Usar & Co.* e *Hilda Magazine*. Fez leituras de seus poemas em cidades como Buenos Aires, Cidade do México, Bruxelas, Barcelona, Liubliana e Dubai, entre outras. Trabalha com vídeo e a fronteira textual entre o oral e o escrito, apresentando este trabalho em galerias e museus como o Museo Reina Sofía de Madri, o Espai d'Art Contemporani de Castelló-Valência, o deSingel International Arts Campus de Antuérpia e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, entre outros. Traduziu para o português poemas de Hans Arp, Friederike Mayröcker, Frank O'Hara, Harryette Mullen, Rosmarie Waldrop, Ezequiel Zaidenweg e Sandra Santana. Vive e trabalha desde 2002 em Berlim, na Alemanha. Seu último livro está sendo traduzido para o alemão, com lançamento previsto para Outubro de 2012.